

Сергей Довлатов

Publicado com o apoio do  
Instituto de Tradução (Rússia)



AD VERBUM

Serguei Dovlátov

# O Ofício

uma novela em duas partes

Tradução do russo

Daniela Mountian e Yulia Mikaelyan



KALINKA



**O ofício**

Primeira parte: O livro invisível

p. 09

Segunda parte: O jornal invisível

p. 121

Sobre o autor e a obra

p. 223

Colaboradores

p. 227



*Em memória de Carl*





## Primeira parte

### O livro invisível

#### Prefácio

Apanho a pena com uma sensação alarmante. Quem se interessaria pelas confissões de um escritor fracassado? Que pode haver de edificante nisso?

Como se não bastasse, minha vida está aparentemente privada de tragicidade. Gozo de plena saúde. Tenho uma família que me ama. Estão sempre prontos a me oferecer um trabalho que assegure uma existência biológica convencional.

Além do mais, levo uma vantagem. Sem esforço consigo capturar as pessoas. Pratiquei dezenas de ações puníveis por lei que ficaram impunes.

Fui casado duas vezes e nas duas fui feliz.

Finalmente, tenho um cachorro. Aí já é um exagero.

Então por que sinto meu corpo à beira de uma catástrofe? De onde vem a sensação de uma vida irremediavelmente inútil? No que consiste a razão da minha angústia?

Quero compreender isso. Penso sem parar. Sonho e espero evocar o fantasma da felicidade...

Pena que essa palavra tenha surgido. Pois as imagens que ela suscita vão do infinito ao zero.

Conheci um sujeito que dizia seriamente que seria feliz se o JEK<sup>1</sup> lhe trocasse o encanamento de casa...

1 Acrônimo de *Jilischno-ekspluatatsiónnaia Kontora*, Escritório de Gestão Habitacional.

Um sentimento fútil me inquieta. A-há!, vão pensar, mais um que se acha um gênio não reconhecido!

Não é isso! Aí é que está, não é nada disso! Ouvi centenas, milhares de opiniões sobre meus contos. E jamais, em nenhum círculo de Petersburgo, do mais deplorável ao mais espetacular, fui considerado um gênio. Mesmo quando Goriétski e Kharitónenko eram tomados por gênios.

(Um esclarecimento. Goriétski é autor de um romance impresso em nove folhas de papel fotográfico superexposto à luz. E a personagem principal do romance mais maduro de Kharitónenko é um preservativo.)

Faz treze anos que comecei a escrever. Escrevi um romance, sete novelas e umas quatrocentas coisas breves. (Se apalparmos, é mais que Gógol!) Tenho certeza que Gógol e eu temos direitos autorais iguais. (As obrigações são diferentes.) No mínimo, um direito inalienável. O direito de dar ao público uma obra escrita. Quer dizer, o direito à imortalidade ou ao fracasso.

Por que, então, minha vocação corriqueira, honesta e extraordinária é reprimida por um sem-número de órgãos, personalidades e instituições de um grande Estado?

Eu preciso compreender isso.

Não vou me matar por essa composição. De uma maneira confusa, longa e pouco articulada, tentarei descrever minha biografia “artística”. Serão as peripécias de meus manuscritos. Retratos de conhecidos. Documentos...

E como devo chamar tudo isso — *Dossiê? Memórias de um literato? Redação de tema livre?*

Será que isso importa? Pois o livro é invisível...

Do lado de fora, telhados e antenas leningradenses, o céu pálido. Kátia está fazendo o dever de casa. Aos pés dela, a *fox*

*terrier* Gláfira, que parece um toquinho de bétula, está pensando em mim.

Na minha frente, uma folha de papel. Eu atravesso essa planície, branca e nevada, sozinho.

Uma folha de papel, felicidade e maldição! Uma folha de papel, meu castigo...

Aliás, a introdução está se alongando. Vamos começar. Começar ao menos assim.

### O primeiro crítico

Antes da revolução, Ágnia Frántsevna Mau era venereologista da corte. Sessenta anos se passaram. Ágnia Frántsevna nunca perdeu a presunção altiva palaciana e a franqueza clínica. Mau disse ao delegado do nosso apartamento comunal, o coronel Tikhomírov, o qual havia pisado na patinha do seu maltês:

— O senhor é um grande merda, *mon colonel*, com o perdão da palavra!...

Tikhomírov morava em frente, foi metido num apartamento comunal pavoroso por seu desinteresse partidário. Queria poder e detestava Mau por sua origem aristocrática. (O próprio Tikhomírov não tinha origem nenhuma. Foram as diretrizes que o criaram.)

— Bruxa! — estrondeou. — Fascista! Eu não cagaria no mesmo lugar que a senhora!...

A velha empinou tão bruscamente a cabeça que seu minúsculo medalhão de ouro voou:

— Será que defecar ao lado do senhor é uma honra tão grande?

As plumas descoloridas de seu chapéu tremeram de raiva...

Para Tikhomírov, eu era demasiadamente requintado. Para

Mau, irremediavelmente vulgar. Mas eu tinha uma arma forte contra Ágnia Frántsevna: a cortesia. Mas a cortesia deixava Tikhomírov de orelha em pé. Ele sabia que a cortesia é a máscara dos vícios.

Eis que um belo dia eu papeava pelo telefone comunal. A conversa irritava terrivelmente Tikhomírov pelo descomediamento intelectual. Tikhomírov passou umas dez vezes pela estreita via comunal. Foi três vezes ao banheiro. Fez chá. Lustrou os sapatos, destituídos de individualidade, até brilharem como a aurora polar. Por razão desconhecida, trouxe sua motoneta até a cozinha e a levou de volta.

E eu seguia o papo. Dizia que Lev Tolstói, no fundo, era um pequeno-burguês. Que Dostoiévski se aproximava do pós-impressionismo. Que a apercepção, em Balzac, não era orgânica. Que Liuda Fedosséienko tinha feito um aborto. Que a prosa americana carecia de fermento cosmopolita...

E Tikhomírov não aguentou.

Ao esbarrar em mim, de propósito, com a barriga caída, ele gritou:

— Escritor! Vejam só, um escritor! Pois é mesmo um escritor!... É preciso fuzilar essa laia de escritores!...

Se eu soubesse, naquela época, que o grito do delegado do apartamento comunal, esmagado pelo excesso de peso intelectual, determinaria minha vida por tantos anos...

“... É preciso fuzilar essa laia de escritores!...”

Parece que estou cometendo algum erro. É preciso pôr alguma ordem. Por exemplo, cronológica.

O primeiro elã literário, eis pelo que vou começar.

Aconteceu em outubro de 1941. Basquíria, Ufá, evacuação, tenho três semanas de vida.

Tomei nota desse acontecimento sabe-se lá quando...



## Sobre o autor e a obra

Serguei Dovlátov (1941–1990) nasceu durante a Segunda Guerra Mundial, em Ufá, onde seus pais, Nora Dovlátova (1908–1999), atriz e revisora de origem armênia, e Donat Miétchik (1909–1995), diretor de teatro de origem judia, se refugiaram. Durante a infância, já em Leningrado (Petersburgo), Serioja, por meio de uma tia materna, uma conhecida preparadora de textos da cidade, conviveu com grandes escritores soviéticos.

Em 1959, ingressou na Faculdade de Letras da Universidade Estatal de Leningrado, mas, sendo expulso por mau aproveitamento nos estudos, em 1962 foi alistado e enviado para um *láguer* em Kómi, onde serviu por três anos como carcereiro. A experiência deu origem ao livro *A zona* (1982).

De volta do exército, achou no jornalismo seu ganha-pão, já que seus textos literários eram continuamente recusados por revistas e jornais soviéticos, como vemos em “Livro invisível”, primeira parte do *Ofício* (*Remesló*, 1985), cujo formato original reúne cartas e documentos, não necessariamente reais, e as miniaturas de *Solo na Underwood*. Assim, entre ficção e realidade, acompanhamos as desventuras dos manuscritos de Dovlátov (nome também do narrador), ainda um escritor iniciante, em meio à burocracia de Leningrado e depois de Tállin (Estônia).

Desiludido com a rigidez dos órgãos leningradenses, Serguei saiu em busca de ares mais brandos, morando três anos em Tállin, de 1972 a 1975. Mas lá se viu envolvido em outro quiproquó: às vésperas de publicar seu primeiro livro, *Cinco esquinas* (*Piat uglóv*, depois renomeado *Contos da Cidade*, *Gorodskie rasskázy*), os originais foram confiscados pelo KGB na casa de um conhecido e a almejada e iminente publicação cancelada, além de o escritor ter sido demitido do *Estônia Soviética*, jornal estatal em que trabalhava. Deprimido, ele retornou para Leningrado.

Após algum tempo em sua cidade, sem perspectivas de publicar e brigado com a esposa, em 1976 Serioja resolveu passar uma temporada como guia turístico em Mikhailóvskoie-Trigórskoie (região de Pskóv), onde a família de Aleksándr Púchkin mantivera uma propriedade e hoje funciona um parque temático em homenagem ao poeta nacional. A esse curioso episódio Dowlátov dedicou seu livro *Parque Cultural (Zapoviédnik, Kalinka, 2016)*, traduzido por Yulia Mikaelyan.

O retorno do parque-museu foi marcado por novos infortúnios. De forma independente, *O livro invisível*, escrito entre 1975 e 1976, saiu primeiramente em 1977 na editora Ardis (EUA), sob direção de Carl Proffer (a quem Dowlátov dedicaria seu *Ofício*), sendo depois transmitido pela rádio *Svoboda (Liberty Radio)* — conhecida organização radiofônica russa criada nos EUA para a qual depois o escritor passaria a colaborar. Assim, o estigma de dissidente de Dowlátov na URSS fortaleceu-se (embora ele não o fosse exatamente), estigma que existia desde sua participação, ao lado de Joseph Brodsky e outros escritores não oficiais de Leningrado, no Sarau da Juventude Criativa (1968). Nessa época, fim dos anos setenta, o escritor foi detido mais de uma vez e expulso da União dos Jornalistas, o que o fez tomar a decisão de emigrar. Em 24 de agosto de 1978, partiu para Viena acompanhado pela mãe e a cachorrinha e de lá seguiu para Nova Iorque, instalando-se, com sua segunda mulher e filha, Elena e Ekaterina Dowlátova — que já haviam saído da Rússia —, em uma rua do Queens que hoje se chama Sergei Dowlátov Way.

Em Nova Iorque, Dowlátov continuou atuando como jornalista, fase descrita na segunda parte do *Ofício*, “O jornal invisível”, produzida de 1984 a 1985. A história do jornal *O espelho* referencia, portanto, *O novo americano*, semanário em russo fundado em fevereiro de 1980, em Nova Iorque, por Serguei Dowlátov e alguns jornalistas soviéticos emigrados: Boris Méttér, professor de literatura e sobri-